



De acordo com documentos a que tivemos acesso, José Augusto Aires Torres nasceu em Parada do Pinhão, concelho de Sabrosa, a 28 de Maio de 1893, sendo baptizado no dia 7 de Junho seguinte. Era filho de José Augusto Artur Fernandes Torres, engenheiro civil de profissão, e de Dona Ana Maria Aires Vilela, costureira, de Parada do Pinhão.

O pai alcançou alguma notoriedade não só como engenheiro — nomeadamente como construtor, entre 1905 e 1910, da linha do caminho-de-ferro de Moçâmedes (Angola) — mas também como político e elemento do Senado, que defendia para as colónias uma via de progressiva emancipação, o que naturalmente não deixou de lhe causar alguns incómodos. A figura do pai terá tido grande influência em Aires Torres, em especial no plano das ideias políticas.

Terminado o ensino primário, e por diligência de seu tio paterno, Zeferino Torres, o jovem matriculou-se no Colégio Roseira, de Lamego, que frequentou entre 1908 e 1910.

Sendo porém possuidor de uma apurada sensibilidade artística, aos dezoito anos de idade encontramo-lo a frequentar (1911-1914) a Escola de Arte de Representar (actual Conservatório Nacional), curso que concluiu com nota máxima, que lhe valeu a nomeação para o quadro do Teatro Nacional.

Porém, a guerra que se travava no Ultramar para defesa dos nossos territórios contra as ambições germânicas levou ao seu recrutamento, partindo em 27 de



Dezembro de 1914 para o sul de Angola, integrado na coluna comandada pelo general Pereira d' Eça. Aí permaneceu até 17 de Outubro de 1915.

Regressado a Portugal, retoma a carreira de actor no Teatro Nacional. Por pouco tempo: a carreira artística é novamente (e definitivamente) interrompida, desta vez com a mobilização para o Corpo Expedicionário Português, a 21 de Julho de 1917. Combatente da Flandres, regressou a Portugal em 17 de Fevereiro de 1919, na sequência do armistício de Compiègne, assinado em 11 de Novembro do ano anterior. Após uma curta permanência no R.I. 13 de Vila Real, é transferido para uma unidade do Porto.

Casa com Dona Maria Vitória de Moura Coutinho (longínqua descendente de Álvaro Gonçalves Coutinho, o célebre Magriço, do episódio dos Doze de Inglaterra), da Casa da Lage, no dia 28 de Julho de 1923, havendo dela quatro filhos: Fernão, Maria Teresa e Maria José; e um quarto filho que morreu de muito tenra idade.

Parecia traçado o seu destino: definitivamente abandonada a vida artística, restava-lhe a vida militar. Mas foi uma vida muito conturbada. A revolução de 28 de Maio de 1926, precursora da implantação da ditadura, trazia negros presságios para um homem que acreditava nos ideais de liberdade e democracia, como era o caso de Aires Torres. Breve o vemos a conspirar com outros elementos do chamado Revirinho — conspiração que culminaria com o pronunciamento de 3 de Fevereiro de 1927, a primeira de várias tentativas frustradas para repor a democracia. Neste golpe participou Aires Torres, que, na sequência do fracasso da intentona, se exilou em Vigo. Daí partiu para Paris, onde existia um núcleo importante de exilados políticos, de que se salientavam Aquilino Ribeiro, Bernardino Machado, Afonso Costa, Jaime Cortesão e António Sérgio, que criaram a Liga de Defesa da República, vulgarmente conhecida por Liga de Paris, com o objectivo de derrubar a ditadura em Portugal. Aires Torres frequentava esse círculo conspirativo e participava dos seus ideais, publicando num jornal clandestino de Lisboa, O Revirinho, um violento poema intitulado “À Carga!”, em que fustigava de forma violenta os vencedores do 28 de Maio, «essa nojenta récua enfardalhada, / Os torpes vendilhões / Sem palavra, sem brio, sem pudor, / Com rancho na mioleira e trampa nos galões». E, mais adiante: «(...) Esta corja vil de bandoleiros! / Se não houver granadas nem espingardas, / É corrê-los a merda, a lama, a pontapés — / Mas depressa! Depressa! À carga! A Carga! / Que a podridão alastra e a onda negra alarga (...)» Um panfleto na melhor tradição junqueira...



O poema vem assinado da seguinte forma: «Aires Torres — Oficial do Exército Republicano, expedicionário de África, combatente da Flandres e revolucionário de 3 de Fevereiro». Afinal, os títulos de glória de Aires Torres.

Como tivesse dificuldades financeiras para se manter em Paris, Aires Torres regressou a Portugal, vivendo na clandestinidade, conspirando sempre. Em Janeiro de 1929 foi preso, cumprindo pena na Casa de Reclusão da Trafaria, de onde conseguiu evadir-se. Prossegue a sua luta na clandestinidade, tendo sido classificado pela polícia como “um dos principais agitadores de aquém Coimbra”. Entre 14 de Junho de 1931 e 7 de Dezembro de 1932, experimentou de novo o cárcere, desta vez na Casa de Reclusão do Porto. A sua libertação integra-se num amplo conjunto de amnistias decretadas pelo Governo, espécie de gesto de boa vontade com pretexto na instauração do Estado Novo.

Regressado à vida militar, nem por isso deixou de manifestar a sua oposição ao regime e protagonizou alguns conflitos com a hierarquia, com a consequente instauração de processos disciplinares.

Até que em 1946 abandona a carreira militar e lhe é oferecido o lugar de chefe de serviços de propaganda da Mabor, fábrica de pneus fundada nesse mesmo ano. Não é caso único de um poeta que encaminha a sua criatividade para os domínios da publicidade comercial. O próprio Fernando Pessoa, Alexandre O’Neil e José Carlos Ary dos Santos são outros bons exemplos disso. Mas também na Mabor a sua permanência foi curta, devido a dissidências com um superior.

Aires Torres era uma pessoa recta e frontal, que facilmente se exaltava e conflituava na defesa dos seus ideais. Manteve sempre, até final, a coerência política e a postura intransigentemente republicana e democrática, de oposição permanente ao regime ditatorial.

Os seus anos finais são repartidos pela Casa da Lage, em Gémeos, Celorico de Basto, com vista sobre o Marão, e a casa da Rua Alves da Veiga, no Porto. Nesta cidade, gostava de participar nas tertúlias literárias da Brasileira e do Ateneu Comercial. E foi no Porto, na casa da Rua Alves da Veiga, que faleceu em 10 de Fevereiro de 1979. Já tinha entretanto ocorrido, em 25 de Abril de 1974, a revolução vitoriosa por que ansiara toda a vida. Mas a sua saúde mental tinha-se entretanto deteriorado a ponto de Aires Torres já não se ter apercebido disso. Curiosamente, em 1959, tinha escrito num poema estas palavras proféticas: «E a pena que se tem / De já não sermos nós a ver a nova era!» Ironias do destino...

O esquecimento que caiu sobre a figura de Aires Torres foi recentemente atenuado com algumas acções levadas a cabo em Parada de Pinhão, de que é



justo destacar uma homenagem prestada em 10 de Dezembro de 2006, com descerramento de uma placa na casa onde nasceu, e com a inauguração da Casa Aires Torres, em 18 de Setembro de 2009.

É crível que, sendo um espírito dotado para as artes (teatro, poesia, música), tenha começado a versejar muito jovem, na tradição aliás dos poetas portugueses. Mas Aires Torres não foi o que se possa dizer um poeta precoce nem prolífico. A sua obra é relativamente escassa. O primeiro poema impresso conhecido aparece em Fevereiro de 1923, na revista *Águia*, que se publicou entre 1910 e 1932, órgão do movimento da Renascença Portuguesa, ligado às correntes neo-românticas que florescia em Portugal desde os finais do séc. XIX. O poema intitula-se “A fogueira na montanha”, e reaparece no livro *Inquietação*, de 1925, sob o título abreviado de “A fogueira”. O poeta pretendia assiná-lo com o pseudónimo Zaugusto, o que mereceu a desaprovação de Hernâni Cidade, então responsável pela revista. «Zaugusto é áspero como o diabo», escrevia-lhe o professor a propósito. Mas, na mesma carta, fazia esta apreciação da poesia de Aires Torres: «Você faz uma poesia bela e forte, que é sugestiva como poucas.»

O primeiro livro, *Inquietação*, uma colectânea de apenas oito poemas, surgiu em 1925, com a chancela da Renascença Portuguesa. Desde logo a sua qualidade foi reconhecida pela crítica jornalística e por homens de letras. Júlio Dantas comentou, em carta de 2 de Agosto desse ano: «O Aires Torres tem, nesse pequeno livro, poesias admiráveis. Caracteriza-as a todas uma natural eloquência lírica, um vigor verbal, por vezes uma profundidade de pensamento que inteiramente as afastam do lirismo amoroso e piegas das últimas gerações. Nos seus versos há força, há nervo, há verdadeira emoção.»

O segundo livro, *Anda às voltas o mundo*, um pouco mais extenso, só sairia vinte e um anos depois, em 1946, na editora Marânus, do Porto. Também este segundo livro mereceu os favores da crítica. Diz Teixeira de Pascoaes, em carta ao autor de 3 de Abril de 1951: «Recebi os seus poemas, que acabo de ler, verdadeiramente entusiasmado. Que força lírica e dramática! E que naturalidade viva de expressão! Eis as duas qualidades que o distinguem e lhe dão um alto lugar no Parnaso português.»

No mesmo ano de 1946 faleceu prematuramente o filho Fernão, acontecimento que o abalou profundamente e lhe mereceu um poema comovido, “Meu filho”, saído em 16 de Julho de 1966 no *Jornal de Felgueiras*, onde foi publicando irregularmente alguns poemas entre 1958 e 1966.



Em 2007, as Edições Caixotim, com o apoio da Câmara Municipal de Sabrosa, reuniram em volume a produção literária conhecida de Aires Torres, justamente intitulada Obra poética, com um notável prefácio de José Carlos Seabra Pereira e um circunstanciado apontamento biográfico por João Luís Sequeira Rodrigues, bem como uma marginália que reúne algumas recensões críticas de época.

Do prefácio de Seabra Pereira transcrevemos este passo, que julgamos estabelece claramente as diferenças temáticas entre os dois livros publicados em vida: «Tal como o segundo e tardo título, Anda às Voltas o Mundo, indicará com pertinência uma deslocação do discurso poético para as circunstâncias sociais e políticas — para daí, decerto, reequacionar o drama da subjectividade lírica —, o título Inquietação nomeia com justeza o cerne da primeira fase do poeta Aires Torres: o desassossego íntimo, de coração e espírito, de sensibilidade e entendimento, de um eu em busca de projecto para as suas energias anímicas e libidinais, para os impulsos vitais e amorosos que em si mesmo sente estuar.» Ou seja: poesia contemplativa, interior, no primeiro livro; poesia voltada para o exterior, para as tais “circunstâncias sociais e políticas”, no segundo. É preciso ver que, entre um livro e outro, decorreram mais de vinte anos, e que por meados dos anos 40 do século passado, começava a sobrepor-se ao neo-romantismo individualista das primeiras décadas, um ambiente propício à expressão de preocupações de ordem social, que culminaria no neo-realismo.

O MUNDO NOVO

O mundo que aí vem...

É o que a gente imagina! E o que se espera!

E a pena que se tem

De já não sermos nós a ver a nova era!

Afinal, sem razão, pensando bem:

Se o mundo é sempre novo em cada hora,

E se, nos anos todos que se contem,





Não deve haver dois dias iguais,

Bem podemos, sem pena ir embora...

Que, amanhã, como hoje, como ontem,

Sempre se há-de nascer cedo de mais.

Aires Torres, in Jornal de Felgueiras, n.º 2450, 8 de Agosto de 1959.

